

A Cultura Visual em Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Olhares Docentes e Discentes

Visual Culture in Virtual Learning Environments: Professors and Undergraduate Student Views

ISSN 2177-8310
DOI: DOI: doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2085

Bianca Carneiro RIBEIRO^{1*}
Marcelo SABBATIN¹

¹Universidade Federal de
Pernambuco – Avenida Acadêmico
Hélio Ramos, S/N – Recife – PE, Brasil.

* bianca.ribeiro@ufrpe.br

Resumo

Na educação a distância (EaD), a virtualidade e o uso das tecnologias digitais favorecem a aplicação da cultura visual para enriquecer a construção de conhecimento e a comunicação. Dessa forma, este artigo tem como objetivo investigar a percepção discente e docente em relação ao uso de elementos da cultura visual em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) voltados para a graduação a distância. Este estudo contou com a participação de 18 docentes e 58 discentes de oito cursos de graduação a distância de uma instituição pública federal. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado questionário misto, disponibilizado em meio digital. Nas questões objetivas, foram realizadas análises descritivas e aplicados testes estatísticos com o auxílio do software SPSS. Na análise qualitativa das questões subjetivas, os dados foram analisados a partir dos ciclos de codificação de Saldaña (2013). Através das respostas adquiridas, tornou-se viável a condução de análises e reflexões acerca da demanda por potenciais aprimoramentos no processo de ensino-aprendizagem no contexto da EaD, com foco na melhoria da incorporação de elementos oriundos da cultura visual evidenciados pelos participantes em três aspectos: na metodologia, na comunicação entre os atores e na organização visual das informações no AVA.

Palavras-chave: Cultura visual. Ambiente virtual de aprendizagem. Percepção discente. Percepção docente.



Recebido 05/02/2024
Aceito 30/04/2024
Publicado 07/05/2024

COMO CITAR ESTE TRABALHO

ABNT: RIBEIRO, B. C.; SABBATINI, M. A Cultura Visual em Ambientes Virtuais de Aprendizagem: Olhares Docentes e Discentes. *EaD em Foco*, v. 14, n. 1, e2085, 2024. DOI: <https://doi.org/10.18264/eadf.v14i1.2085>.

Visual Culture in Virtual Learning Environments: Professors and Undergraduate Student Views

Abstract

In distance education, virtuality and the use of digital technologies favor the application of visual culture to enrich the construction of knowledge and communication. Thus, this article aims to investigate the perceptions of students and professors from distance undergraduate programs regarding the use of visual culture elements in virtual learning environments (VLEs). This study involved 18 professors and 58 students from 8 distance undergraduate courses at a Brazilian federal public university. A digital mixed-methods questionnaire was served as the data collection instrument. Descriptive analyses were performed on the objective questions and statistical tests were applied using SPSS software. Subjective questions underwent qualitative analysis using Saldaña's coding cycles (Saldaña, 2013). By examining the gathered responses, it became possible to conduct analyses and reflections concerning the demand for potential enhancements in the teaching and learning process within the distance education context. The focus lies on improving the integration of elements of visual culture evidenced by the participants in three aspects: in the methodology, in the communication between the actors and in the visual organization of information in the VLE.

Keywords: Visual culture. Virtual learning environment. Undergraduate student perception. Professor perception.

1. Introdução

A pluralidade do uso da linguagem atinge a sociedade em diferentes contextos e, nesse processo, o uso da imagem tem apresentado grande relevância, uma vez que as informações podem ser apresentadas em mais de uma modalidade, como imagens, escrita, sons. As imagens, como linguagem de comunicação, estão extremamente presentes nas nossas atividades diárias, desde o compartilhamento de fotos, mensagens com *stickers*, emojis, memes, a execuções básicas como o próprio uso de celulares, com ícones e imagens de aplicativos, e a navegação nas redes sociais.

É notório que a imagem está sendo cada vez mais protagonista nas redes sociais, por ter muitos elementos que abarcam a memória e o afeto das pessoas, tornando-a mais impactante. Diante da velocidade em que as informações estão sendo consumidas, a imagem é mais rapidamente compreendida.

No contexto educacional, imagens costumam ser amplamente abordadas na educação infantil, mas em seguida sua utilização diminui consideravelmente na maioria das instituições de ensino, até chegar à educação universitária, momento em que as instruções textuais e orais tendem a assumir quase completamente (Kędra; Źakevičiūtė, 2019). As autoras ainda afirmam que, frequentemente, o uso da imagem na educação está associado a campos de estudo artísticos e, como tal, raramente são consideradas como conhecimento e competência básicos, que devem ser desenvolvidos em todos os cursos e disciplinas.

Isto nos remete ao que a autora Carmem Maia (2008) expressa em seu artigo "Na rede sim, na educação não", que permanece latente ainda nos dias atuais. Não estamos nos referindo à ideia de o docente levar conteúdo ou interações para as redes sociais, mas sim de proporcionar, dentro do âmbito acadêmico,

abordagens metodológicas interativas e criativas, assim como uma comunicação ativa, empática e atrativa, como ocorre nas redes. Nesse cenário, a cultura visual ganha visibilidade, que perpassa a importância das imagens na construção do processo de comunicação no ensino e de uma aprendizagem significativa.

No contexto da educação a distância (EaD), a virtualidade e o uso das tecnologias favorecem um cenário em que a cultura visual nos proporciona ferramentas que enriquecem essa construção de conhecimento e a comunicação. Portanto, torna-se primordial investigar as concepções que permeiam o estudo da cultura visual, passando pela importância das imagens na comunicação e na construção de uma aprendizagem significativa, de maneira a unir essas discussões a saberes que caracterizam e conceituam a EaD como espaço de formação (Castro; Oliveira, 2020).

É possível encontrar alguns estudos relevantes que abordam experiências positivas vivenciadas com o uso de imagens em cursos superiores na modalidade EaD (Menezes, 2013; Garlet; Minuzzi, 2014; Almeida, 2020; Jorge, 2020), que apresentam relatos com materiais didáticos e abordagens metodológicas em cursos com campos de estudo artísticos e visuais. Entretanto, ao tratarmos da aplicação da cultura visual nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) de cursos superiores a distância, ainda é perceptível a carência, e até mesmo ausência do uso de elementos dessa mesma cultura visual. Nesse contexto, esta pesquisa justifica-se por não termos identificado no Brasil estudos que analisassem a percepção discente e docente acerca da aplicação e uso da cultura visual nos ambientes virtuais de aprendizagem de cursos superiores a distância.

Diante dessa problemática, isto nos induziu a uma reflexão sobre quais elementos da cultura visual podem ser adicionados ao ambiente virtual de aprendizagem durante o processo de ensino-aprendizagem de cursos de graduação a distância? Destarte, este estudo visa investigar a percepção discente e docente em relação do uso de elementos da cultura visual em ambientes virtuais de aprendizagem voltados para a graduação a distância.

2. Cultura Visual na EaD

Imagens geradas através da televisão, do computador, da publicidade, do design, dentre tantas outras fontes imagéticas, proporcionam uma imersão visual cotidiana, contribuindo para a transmissão de informação e concepção de novos conceitos culturais. É a partir dessa conjuntura que surge o campo de estudos da cultura visual (Cardoso, 2010).

Mirzoeff (2003) afirma que a cultura visual se interessa por situações visuais em que o sujeito busca informação, significado ou prazer com a tecnologia visual. No contexto educacional, seu objetivo é ir além dos limites tradicionais da universidade, a fim de interagir com a vida cotidiana dos indivíduos.

Contudo, Hernandez (2005) alerta, com sensatez, que existem diversas abordagens sobre o que é a cultura visual, por diferentes autores, e que essa multiplicidade deve ser “valorizada como indício do interesse que suscita por parte dos setores e campos do saber universitário e saberes disciplinares afins”.

Os organizadores do livro *Educação da cultura visual: conceitos e contextos* (2011) convidaram Fernando Hernandez a escrever um capítulo sobre sua posição ante a cultura visual na educação. Nesse capítulo, o autor declara uma posição de provisionalidade devido a esse campo de estudo não ser delimitado como uma disciplina, nem constituir um território em que seus fundamentos epistemológicos, políticos, metodológicos e pedagógicos sejam consensuais e unificados. Hernandez (2011) ainda afirma que esse fato pode incomodar, mas considera uma oportunidade para construir, explorar e avançar na compreensão de como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos. Segundo ele: “Isso pode incomodar e desestabilizar, mas eu considero uma oportunidade para construir, explorar e avançar na compreensão de como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos” (Hernandez, 2011, p. 31-32).

Nesse sentido, no contexto da EaD, o AVA se destaca como um espaço de formação passível de ser explorado e compreendido, no qual é necessário que estudantes e professores tenham domínio e compreensão sobre elementos da cultura visual, que vão desde habilidades visuais no processo de comunicação e transposição de informações até a análise crítica de imagens. Além disso, para que um processo de ensino e aprendizagem seja eficiente, a abordagem metodológica dos AVAs e seus recursos são essenciais, pois mesmo que o conteúdo apresentado seja didaticamente repleto de significações, estas irão se perder se a linguagem e a organização dos materiais dispostos no ambiente virtual não forem adequadas (Scaramuzza, 2015).

Destarte, as imagens são aliadas fundamentais no processo de organização dos conteúdos em um AVA. É possível observar alguns docentes em busca do aprimoramento visual de suas salas de aulas virtuais. Entretanto ainda ficam atrelados ao paradigma definido pela própria plataforma (*Moodle*, *Google Classroom* etc.) ou ainda pela utilização inadequada devido à falta de compreensão sobre a dimensão das potencialidades comunicativas da imagem.

Portanto, a utilização dos elementos da cultura visual no AVA requer conhecimento sobre seus conceitos e sua aplicabilidade, que abarca desde apresentação das informações, como também a habilidade de se comunicar de maneira eficaz utilizando esses elementos, que precisam estar relacionados ao cotidiano, à experiência ou a situações conhecidas do sujeito.

3. Metodologia

Para investigar as percepções dos discentes e docentes sobre o uso de elementos da cultura visual no AVA, relacionados ao processo de organização visual e de comunicação, foram desenvolvidos e aplicados no *Google Forms*, dois questionários on-line contendo perguntas objetivas e subjetivas, sendo: um questionário para os docentes e outro para os discentes, contendo as mesmas perguntas.

Esta pesquisa contou com a participação voluntária de docentes e discentes dos cursos de graduação a distância de uma universidade pública federal, cujo AVA utilizado é o *Moodle*, contemplando oito cursos, a saber: Bacharelado em Sistemas de Informação (BSI), Bacharelado em Administração Pública (BAP), Licenciatura em Artes Visuais (LAV), Licenciatura em Computação (LC), Licenciatura em Física (LF), Licenciatura em História (LH), Licenciatura em Letras (LL) e Licenciatura em Pedagogia (LP).

As questões foram respondidas por 18 docentes e 58 discentes e devidamente analisadas qualitativa e quantitativamente. As questões objetivas foram estruturadas a partir da escala *Likert* de cinco pontos, e a análise dos resultados foi feita utilizando o software SPSS. Na análise qualitativa das questões subjetivas, os dados coletados foram analisados a partir dos ciclos de codificação de Saldaña (2013), cujo processo de análise contou com o auxílio do software Atlas TI, o que contribuiu para o estabelecimento de relações que culminaram no tratamento e inferência dos resultados.

4. Análise dos Resultados

4.1 Análise Quantitativa

Na tabela 1 é possível visualizar a quantidade de respondentes por curso, tanto dos discentes quanto dos docentes. Entretanto, no âmbito dos docentes, estes podem ministrar aulas em mais de um curso.

Tabela 1: Número de respondentes por curso

CURSOS	Nº DE DISCENTES RESPONDENTES DO CURSO	%	Nº DE DOCENTES RESPONDENTES QUE LECIONAM NO CURSO	%
BAP	5	8,6%	5	27,8%
BSI	2	3,4%	8	44,4%
LAV	14	24,1%	9	50,0%
LC	10	17,2%	9	50,0%
LF	5	8,6%	7	38,9%
LH	6	10,3%	6	33,3%
LL	4	6,9%	4	22,2%
LP	12	20,7%	5	27,8%

Inicialmente, os participantes foram indagados sobre a importância da organização visual no AVA em relação aos aspectos de aprendizagem, abordagem metodológica, participação dos estudantes e, por fim, interação entre estudantes e docentes. Os resultados estão apresentados abaixo, na Tabela 2, indicando a relevância da organização visual nesses aspectos e indicando também que a percepção docente é similar à discente nessas abordagens.

Tabela 2: Resultados sobre a importância da organização visual no AVA

	APRENDIZAGEM		ABORDAGEM METODOLÓGICA	
	Docentes	Discentes	Docentes	Discentes
Sem Importância				
Pouco Importante		6,90%		6,90%
Razoavelmente Importante	16,70%	5,20%	16,70%	3,40%
Importante	11,10%	15,50%	22,20%	17,20%
Muito Importante	72,20%	72,40%	61,10%	72,40%
	PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES		INTERAÇÃO ENTRE ESTUDANTES E DOCENTES	
	Docentes	Discentes	Docentes	Discentes
Sem Importância				
Pouco Importante		5,20%		8,60%
Razoavelmente Importante	16,70%	5,20%	11,10%	5,20%
Importante	22,20%	12,10%	27,80%	10,30%
Muito Importante	61,10%	75,90%	61,10%	75,90%

Em seguida, os participantes foram questionados sobre com qual frequência os docentes utilizam no AVA os recursos: imagens, fotos pessoais, emojis e memes. Para a análise dos dados, realizou-se primeiramente a análise descritiva, verificando a frequência das respostas e, em seguida, aplicou-se o teste não paramétrico de *Mann-Whitney*, no qual foi considerado para as análises um nível de significância de 5%.

O teste de Mann-Whitney é uma opção interessante quando o pesquisador pretende comparar o comportamento de uma variável com mais de duas categorias de resposta entre dois grupos independentes (Comerlato *et al.*, 2019). Na aplicação do teste, levou-se em consideração as seguintes hipóteses:

- H0: Não há diferença significativa entre a percepção docente e discente quanto à frequência com que os docentes utilizam no AVA os recursos: imagens, fotos pessoais, emojis ou memes.
- H1: A diferença entre a percepção docente e a discente quanto à frequência com que os docentes utilizam no AVA os recursos: imagens, fotos pessoais, emojis ou memes, é estatisticamente significativa.

Com o teste, foi possível identificar que a percepção docente sobre o seu uso desses recursos no AVA difere significativamente da percepção discente referente ao uso de “fotos pessoais” e também de “imagens”, onde ambos apresentam $p < 0,05$, conforme é possível observar no Quadro 1. Portanto, através da análise dos dados, isso significa que a percepção dos estudantes é que o professor utiliza menos imagens e fotos pessoais no AVA do que, de fato, o professor acredita que usa.

Quadro 1: Resultados sobre o uso de recursos no AVA

	FOTOS PESSOAIS ($p = 0,018$)		IMAGENS ($p = 0,024$)	
	Docentes	Discentes	Docentes	Discentes
Nunca	77,80%	44,80%	1,70%	
Raramente	16,70%	34,50%	5,60%	15,50%
Ocasionalmente		10,30%	22,20%	32,80%
Frequentemente		5,20%	33,30%	36,20%
Muito Frequente	5,60%	5,20%	38,90%	13,80%
	EMOJIS ($p = 0,800$)		MEMES ($p = 0,964$)	
	Docentes	Discentes	Docentes	Discentes
Nunca	33,30%	29,30%	33,30%	32,80%
Raramente	16,70%	32,80%	27,80%	34,50%
Ocasionalmente	33,30%	20,70%	33,30%	19,00%
Frequentemente	11,10%	12,10%		8,60%
Muito Frequente	5,60%	5,20%	5,60%	5,20%

Ao perguntarmos aos participantes se os memes captam a sua atenção, obtivemos resposta positiva de 100% dos docentes e de 96,6% dos discentes. Entretanto, indagados sobre a frequência do compartilhamento de memes e fotos pessoais nas redes sociais e no AVA, obteve-se como resultado os dados indicados nos Gráficos 1 e 2

Gráfico 1: Frequência de compartilhamento de memes no AVA e nas redes sociais

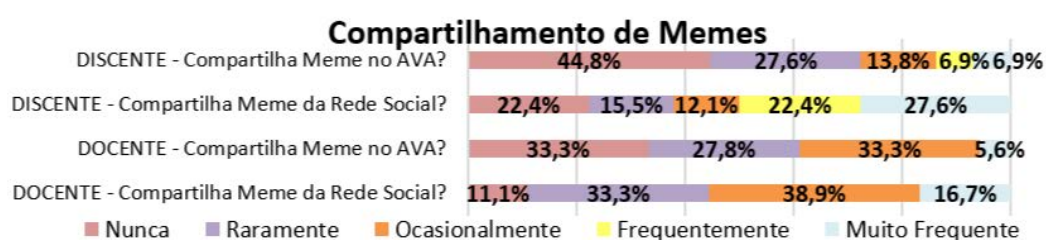
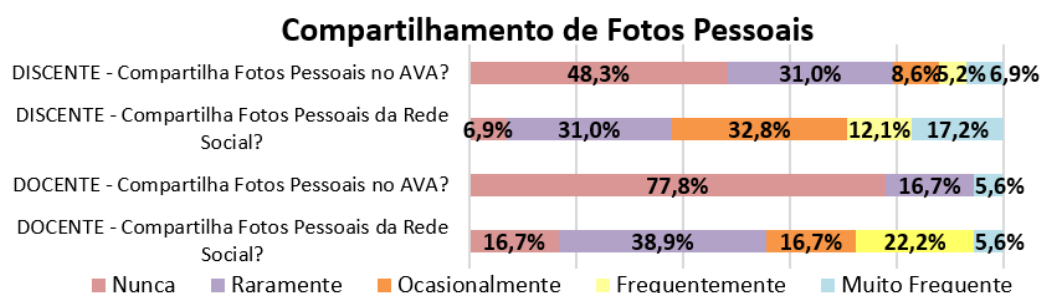


Gráfico 2: Frequência de compartilhamento de fotos pessoais no AVA e nas redes sociais

Nos gráficos é possível perceber a discrepância entre o compartilhamento de memes e fotos pessoais nas redes sociais e no AVA, sendo superior o hábito de compartilhar na rede social, tanto para os docentes quanto para os discentes.

Para confirmar o que foi percebido visualmente nos gráficos, com base na estatística descritiva realizada (Quadro 2) é possível observar que as médias e medianas dos compartilhamentos no AVA são menores que nas redes sociais, tanto no grupo dos docentes quanto no grupo dos discentes.

Quadro 2: Comparativo entre os resultados da estatística descritiva sobre o compartilhamento de fotos pessoais e memes nas redes sociais e no AVA

DOCENTE				
	COMPARTILHAR MEMES ($p = 0,039$)		COMPARTILHAR FOTOS PESSOAIS ($p = 0,001$)	
	Nas Redes Sociais	No AVA	Nas Redes Sociais	No AVA
Média	2,78	2,17	2,61	1,39
Mediana	3,00	2,00	2,00	1,00
Desvio-Padrão	1,215	1,098	1,195	0,979
DISCENTE				
	COMPARTILHAR MEMES ($p = 0,000$)		COMPARTILHAR FOTOS PESSOAIS ($p = 0,000$)	
	Nas Redes Sociais	No AVA	Nas Redes Sociais	No AVA
Média	3,17	2,03	3,02	1,91
Mediana	3,50	2,00	3,00	2,00
Desvio-Padrão	1,546	1,228	1,192	1,189

Dessa forma, para comparar os resultados e verificar se há uma diferença relevante em seus respectivos grupos, realizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon, no qual foi considerado um nível de significância de 5%.

- H0: A frequência do compartilhamento de fotos pessoais/memes nas Redes Sociais é equivalente ao compartilhamento de fotos pessoais/memes no AVA.
- H1: Existe uma diferença significativa entre a frequência do compartilhamento de fotos pessoais/memes nas redes sociais e a frequência do compartilhamento de fotos pessoais/memes no AVA.

Ao aplicarmos o teste não paramétrico de Wilcoxon, obtivemos $p < 0,05$ tanto na análise das respostas dos docentes quanto na análise das respostas dos discentes, apresentando uma diferença significativa entre o compartilhamento nas redes sociais e no AVA, tanto de fotos pessoais quanto de memes, em seus

respectivos grupos. Portanto, o teste de Wilcoxon confirma que tanto os docentes quanto os discentes compartilham menos fotos pessoais e memes no AVA do que em suas redes sociais. Esse resultado corrobora a expressão “na rede sim, na educação não” apresentada pela autora Carmem Maia (2008), que resume o lema da autora sobre aspectos da cultura digital e a EaD, mesmo após 15 anos.

Sabendo que as interações e formas de se relacionar ocorridas no AVA caracterizam movimento entre os sujeitos, contribuindo para uma comunicação dinâmica a partir de suas experiências (Fernandes; Henn; Kist, 2020), outro aspecto relevante da cultura visual considerado na aplicação do questionário foi a dinamicidade na comunicação. Esse aspecto foi abordado no âmbito visual da linguagem informal docente (contendo memes, gifs, emojis) e da inserção de imagens e vídeos no processo de comunicação nos fóruns no AVA.

De acordo com a análise descritiva realizada (Tabela 3), identifica-se através da média e da mediana a importância desses elementos tanto na percepção docente quanto na percepção discente. Entretanto, identifica-se uma mediana menor na percepção docente no âmbito do uso da linguagem informal do docente e do uso das imagens. Para verificar se, de fato, a percepção dos discentes é estatisticamente diferente da dos docentes, aplicou-se o teste de Mann-Whitney.

Tabela 3: Resultados sobre o uso de elementos na dinamicidade na comunicação

	USO DA LINGUAGEM INFORMAL DO DOCENTE ($p = 0,361$)		USO DE VÍDEOS ($p = 0,978$)		USO DE IMAGENS ($p = 0,032$)	
	Docentes	Discentes	Docentes	Discentes	Docentes	Discentes
Média	4,11	4,29	4,44	4,45	3,89	4,34
Mediana	4,00	5,00	5,00	5,00	4,00	5,00
Desvio-Padrão	0,963	0,991	0,856	0,82	1,023	1,001
Sem Importância	-	-	-	-	5,60%	1,70%
Pouco Importante	5,60%	8,60%	5,60%	5,20%	-	5,20%
Razoavelmente Importante	22,20%	12,10%	5,60%	5,20%	22,20%	12,10%
Importante	27,80%	20,70%	27,80%	29,30%	44,40%	19,00%
Muito Importante	44,40%	58,60%	61,10%	60,30%	27,80%	62,10%

Ainda conforme a Tabela 3, o resultado apresentou uma diferença significativa apenas no âmbito do uso das imagens ($p < 0,05$). Esse resultado revela que, na percepção discente, o uso de imagens no fórum no aspecto da dinamicidade na comunicação é mais importante do que na percepção docente.

É importante ressaltar que, em todos os dados analisados, não foram encontradas diferenças significativas entre as respostas relacionadas aos cursos dos participantes. Portanto, podemos inferir que o curso do discente e do docente não influencia a percepção dos participantes nos aspectos analisados neste estudo.

4.2 Análise Qualitativa

As duas questões subjetivas do questionário contemplaram aspectos relacionados à percepção do sujeito sobre a organização visual das salas virtuais do AVA e sugestões de melhorias visual e/ou interativa na sala virtual do AVA.

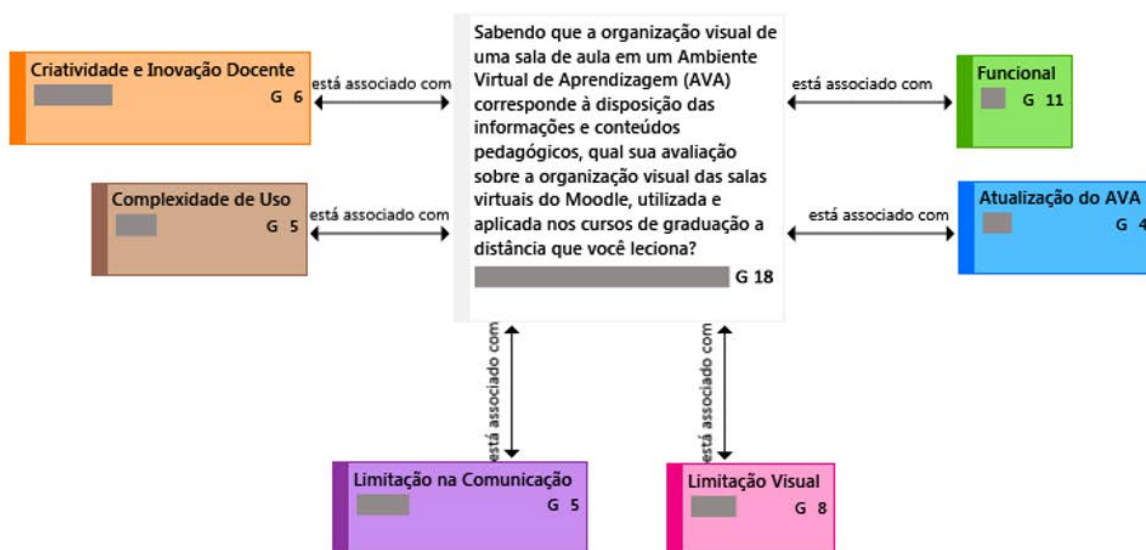
Na análise qualitativa dessas questões, os dados coletados foram analisados a partir dos ciclos de codificação de Saldaña (2013), utilizando como ferramenta de suporte o software Atlas TI. Nesse processo, códigos são criados a partir dos dados obtidos nos resultados. Esses códigos são pequenas frases ou palavras que sintetizam a ideia dos dados e representam a interpretação do pesquisador acerca das discussões (Lage; Cavalcante, 2022).

Saldaña (2013) indica que, no processo de análise de dados, a construção é realizada em dois ciclos de codificação e um ciclo de transição. No primeiro ciclo, existem 24 possibilidades de codificações divididas em seis métodos e, no segundo ciclo, mais seis possibilidades de codificações. Entre esses ciclos, existe o ciclo de transição, que permite ao pesquisador retornar aos dados e códigos gerados, refletir sobre as percepções, interpretações e análises ocorridas no primeiro ciclo e realizar uma nova codificação no segundo ciclo, caso seja necessário. Ressalta-se que a quantidade de ciclos pode variar de acordo com a necessidade de cada pesquisa, sendo possível concluir já no primeiro ciclo (Bley; Carvalho, 2019; Lage; Cavalcante, 2022).

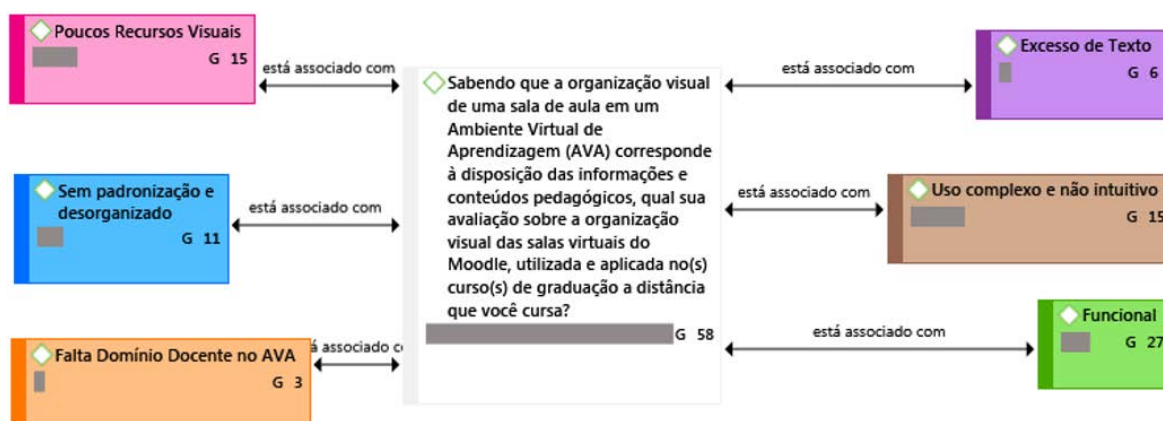
Neste estudo, realizamos a análise das respostas dos docentes e, em seguida, realizamos a análise das respostas dos discentes. Em ambas as análises, as etapas foram implementadas seguindo a orientação de Saldaña (2013) de iniciar por uma pré-codificação, com o processo de leitura das respostas, destacando palavras e frases relevantes. Em seguida, destacamos e registramos os códigos *in vivo*, também conhecidos como codificação literal, que se referem a uma palavra ou frase curta com termos usados pelos próprios participantes em suas respostas. Saldaña (2013) afirma que o código *in vivo* é apropriado para praticamente todos os estudos qualitativos e pode ser usado juntamente com vários outros métodos de codificação, uma vez que identificar as palavras reais dos sujeitos aprimora e aprofunda a compreensão. Portanto, a partir dos termos literais expressados nas respostas dos participantes, foi possível definir o método de codificação e códigos mais adequados.

Ato contínuo, desenvolvemos e organizamos as memos analíticas, nas quais foi possível documentarmos reflexões e processos, o que nos auxiliou na definição do método de codificação e geração dos códigos. Utilizamos o método de codificação elementar, que são abordagens primárias para a análise de dados. Para a primeira questão, utilizamos a codificação descritiva, que atribui rótulos básicos, indicando qual o assunto que os sujeitos abordaram nas questões realizadas, o que nos forneceu um inventário de seus tópicos. Na segunda questão, utilizamos a codificação estrutural, apropriada para estudos que empregam vários participantes, protocolos de coleta de dados padronizados, testes de hipóteses ou investigações exploratórias para reunir lista de tópicos ou índices de categorias ou temas principais (Saldaña, 2013).

Ao realizar as etapas com o apoio do software Atlas TI, é possível criarmos uma rede que propicia uma visualização e interpretação do corpus da pesquisa (Bley; Carvalho, 2019), na qual apresentamos os códigos criados, juntamente com seus respectivos números de segmentos (representados pela letra G), conforme pode ser visualizado nas Figuras 1 e 2, onde é possível visualizar os códigos gerados.

Figura 1: Rede criada na Questão 1, a partir dos códigos gerados – Percepção Docente

Fonte: Elaborada pelos autores.

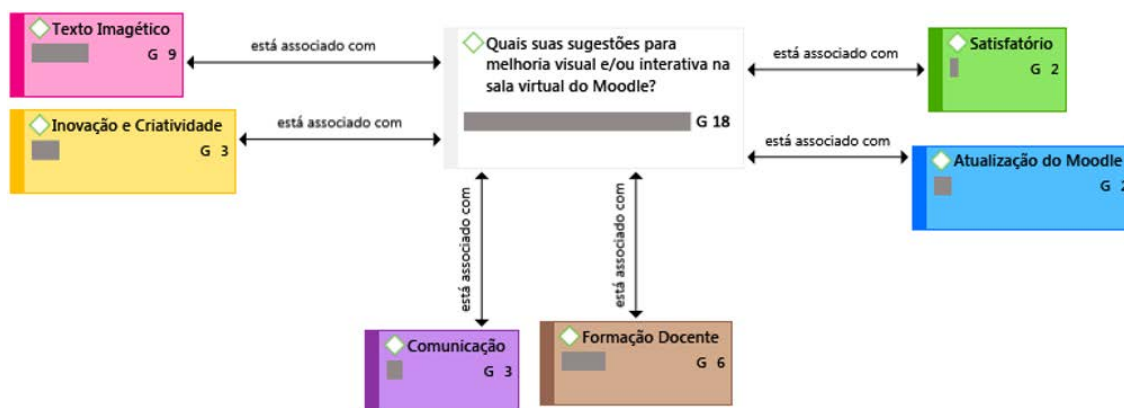
Figura 2: Rede criada na Questão 1, a partir dos códigos gerados – Percepção Discente

Fonte: Elaborada pelos autores

Apesar de os sujeitos considerarem o AVA funcional, eles também indicam que seu uso é complexo, assim como é pouco ou limitado o uso de recursos visuais. Alguns discentes contemplaram, em suas falas, aspectos sobre a falta de domínio docente do AVA e a falta de padronização, indicando que cada docente organiza o AVA de modo diferente, e que, em alguns casos, é isso que torna o uso complexo e não intuitivo. Isso pode ser observado em algumas falas discentes, tais como a do discente E31: "Seria bom se fosse mantido um padrão para localizar as coisas, por exemplo, tem professor que coloca tudo ao contrário, nunca fica claro onde estão atividades, notas, o que ele quer durante a semana". A fala do discente E9 corrobora essa percepção: "Sinto que cada professor trabalha sem seguir um padrão, a mudança entre eles dificulta um pouco o uso do AVA".

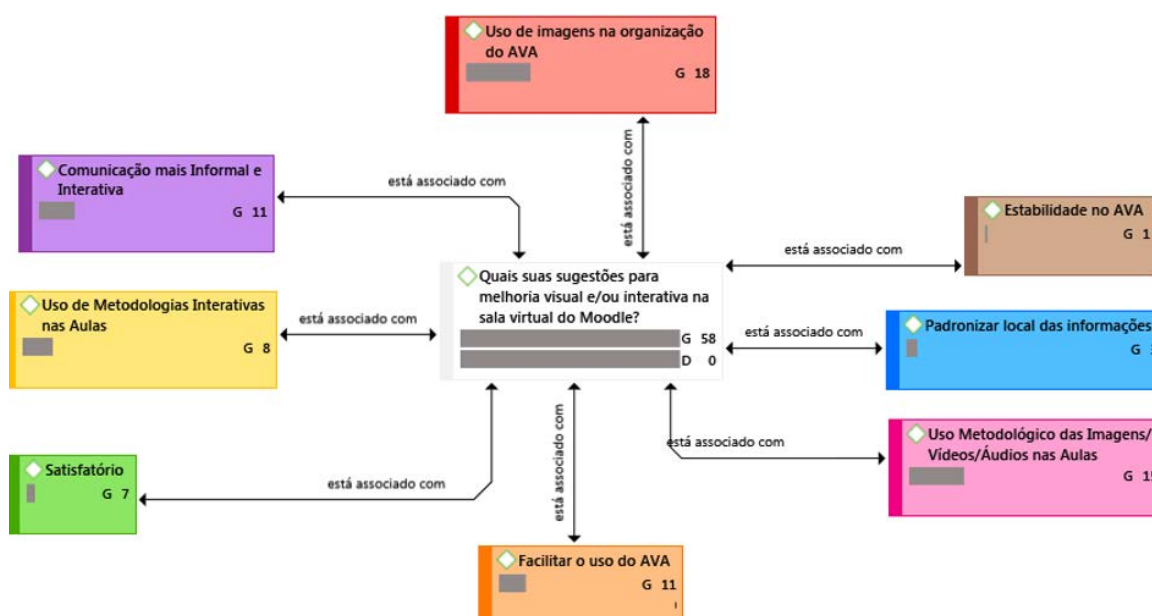
As Figuras 3 e 4 abaixo apresentam os códigos gerados na Questão 2, baseando-se, respectivamente, na percepção docente e discente.

Figura 3: Rede criada na Questão 2, a partir dos códigos gerados – Percepção Docente



Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 4: Rede criada na Questão 2, a partir dos códigos gerados – Percepção Discente



Fonte: Elaborada pelos autores

Analisando os resultados, encontramos alguns pontos que podem ser considerados comuns na percepção docente e discente, tais como a necessidade de melhorias no AVA, no âmbito da comunicação e do uso de imagens na organização das informações. Isso pode ser identificado em algumas falas, como a do docente P18: "Existência de ícones com imagens interessantes, atrativas e que os alunos se identificassem"; do discente E3: "gostaria que fossem mais dinâmicos na hora de organizar a sala virtual. Ex: cores, imagens..." e do discente E44: "Melhorar a comunicação com os professores. Eles são impessoais, não tem conversa leve, atividades tradicionais. Podiam usar diálogo leve pra se comunicar".

Como já apontado anteriormente, na percepção discente é indicada a falta de domínio do docente no AVA (Figura 2), o que corrobora com a percepção docente na Questão 2, quando apontam sobre a necessidade de uma formação docente (Figura 3).

O que também nos chamou a atenção foi a abordagem discente sobre melhorias nas estratégias metodológicas. Para os docentes, as sugestões de melhorias limitaram-se aos aspectos comunicacionais e visuais na organização do AVA. Os discentes foram além, ressaltando também aspectos metodológicos conforme pode ser observado no Quadro 3, contendo algumas falas discentes sobre esses códigos gerados.

Quadro 3: Exemplos de falas dos sujeitos sobre os códigos: Uso de Metodologias Interativas nas aulas e Uso Metodológico das Imagens/Vídeos/Áudios nas aulas

FALAS DISCENTES
"(...) os professores poderiam usar mais imagens nas dinâmicas das aulas. "
"Atividades mais visuais para manter o foco dos alunos, o excesso de informações e o equilíbrio entre as disciplinas. "
"Realizar atividades mais interativas. "
"Melhorar a maneira de explicar os assuntos com imagens, sem ser só texto. "
"Sugiro conteúdos mais interativos, situações tiradas de filmes e séries, usar memes ou tirinhas, cases. "

5. Considerações Finais

Este artigo apresentou um estudo cujo objetivo foi investigar a percepção discente e docente em relação do uso de elementos da cultura visual em ambientes virtuais de aprendizagem voltados para a graduação a distância.

Constatamos que, de maneira geral, para ambos os grupos de participantes, no contexto do processo de ensino e aprendizagem, os elementos da cultura visual desempenham um papel significativo, tanto no âmbito da comunicação quanto na organização do AVA.

Entretanto, ao se tratar da utilização de imagens no AVA, identificamos que, na percepção dos discentes, o professor utiliza menos imagens no AVA do que, de fato, o professor acredita que usa. Esse indicativo é reforçado quando os discentes referem-se em suas falas à necessidade de melhorias no aspecto metodológico com abordagens visuais, dinâmicas e interativas.

Verificamos também que apesar de os memes captarem a atenção dos docentes e discentes, o seu compartilhamento no AVA é bem inferior do que nas redes sociais, corroborando com a expressão "na rede sim, na educação não" apresentada pela autora Carmem Maia (2008). Mesmo após 15 anos, a expressão da autora continua vívida. Isto nos conduz a algumas ponderações e reflexões sobre esses anos de crescimento da EaD: É nítida a evolução da EaD, não só nos aspectos de uso tecnológico como também de acesso e de interesse dos estudantes, contudo, será que, no decorrer desses anos estamos testemunhando, de fato, uma reestruturação substancial no processo de ensino-aprendizagem no contexto da graduação a distância? Os estudantes passam por transformações contínuas e isso demanda novas estratégias docentes, então quais aprimoramentos relevantes podem ser adotados com o objetivo de contribuir positivamente para o processo de ensino e aprendizagem? De que maneira a cultura visual pode contribuir nesse processo?

Dessa forma, em busca de sintetizar os dados encontrados, podemos concluir que as percepções docentes e discentes sobre o uso de elementos da cultura visual nos AVAs convergem basicamente para o aprimoramento do uso desses elementos em três âmbitos: na metodologia das aulas, na comunicação entre os atores e na organização visual das informações no AVA. Portanto, em trabalhos futuros, pretendemos aplicar elementos da cultura visual na graduação a distância, contemplando esses três âmbitos encontrados e investigar a percepção discente sobre essa aplicabilidade.

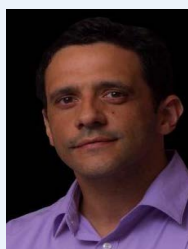
Biodados e contatos dos autores



RIBEIRO, B. C. é professora da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Seus interesses de pesquisa incluem educação a distância, ambientes virtuais, telessaúde e tecnologias digitais aplicadas na educação e na saúde. Esteve envolvida em projetos de pesquisa, como “Trabalho colaborativo em saúde”, e participa do grupo de pesquisa “Educação a distância – Tecnologias e metodologias

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9418-9994>

E-mail: bianca.ribeiro@ufrpe.br



SABBATINI, M. é professor do Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação na Universidade Federal de Pernambuco. Completou o seu doutorado na Universidade de Salamanca, Espanha (2004). Seus interesses de pesquisa incluem educação a distância, educação e cultura digital, divulgação científica e tecnológica, com destaque para tecnologias digitais na educação. Esteve envolvido em projetos de pesquisa, como “Competências digitais docentes frente à inteligência artificial generativa: desafios e oportunidades no âmbito da formação docente”; “O uso de jogos digitais e os princípios da aprendizagem no contexto do ensino superior aplicados à sensibilização do docente em formação em relação à diversidade”, entre outros

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7040-2310>

E-mail: marcelo.sabbatini@ufpe.br

Referências

- ALMEIDA, S. S. Memes como estratégias pedagógicas na EaD para professores. **Revista Interdisciplinar Parcerias Digitais**, v. 2, n. 2, 2020.
- BLEY, D. H. P.; CARVALHO, A. B. G. Ciclos de codificação e o software Atlas TI: uma parceria criativa para análise de dados qualitativos em pesquisas sobre o uso das tecnologias digitais no campo da educação. **EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana**, 2019.
- CARDOSO, L. F. P. **Cultura visual e a educação através da imagem**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Design. Universidade Federal de Pernambuco, 2010.
- CASTRO, A. B; OLIVEIRA, V.G.S. **Influências das imagens da cultura visual na aprendizagem significativa no contexto da educação a distância**. VI CONEDU, v. 3. Campina Grande: Realize, 2020.
- COMERLATO, P.H. *et al.* Métodos estatísticos para desfechos qualitativos. *In*: CAPP, E.; NIENOV, O. H. **Bioestatística quantitativa aplicada**. Porto Alegre: UFRGS, 2019.
- FERNANDES, S. M.; HENN, L. G.; KIST, L. B. Distance Learning in Brazil: Some Notes. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2020.
- GARLET, F.R.; MINUZZI, R. F. B. A imagem no contexto EaD: problematizações a partir da cultura visual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 9, n. 1, p. 146–163, 2014.
- HERNANDEZ, F. **¿De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual?** **Educación & Realidade**, 2005.
- HERNANDEZ, F. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do

- sujeito. *In*: MARTINS, R., TOURINHO, I. **Educação da cultura visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: UFSM, 2011.
- JORGE, R. G. Perspectivas para a utilização do meme na elaboração de materiais didáticos para EaD. **EaD em Foco**, v. 10, n. 2, e957, 2020.
- KEDRA, J; ZAKEVICIUTE, R. Visual Literacy Practices in Higher Education: What, Why and How? **Journal of Visual Literacy**, 2019.
- LAGE, P. B. L.; CAVALCANTE, P. S. Inglês on-line na universidade: o que dizem os estudantes? **Anais do XXVIII Workshop de Informática na Escola**, 2022.
- MAIA, C. Na rede sim, na educação não. **Revista Fonte – A Educação e as Novas Tecnologias Digitais**, p. 63-66, dez. 2008. Disponível em: https://www.prodemge.gov.br/images/com_arismartbook/download/9/revista_8.pdf. Acesso em: 5 de nov de 2021.
- MENEZES, M. R. Uma imagem vale mais que mil palavras: o uso do audiovisual no EAD. **Ideias E Inovação – Lato Sensu**, 2013.
- MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.
- SALDAÑA, J. **The Coding Manual for Qualitative Researchers**. 2. ed. London: Sage, 2013.
- SACARMUZA, B. C. **Universidade corporativa: educação continuada e mediação tecnológica**. Dissertação (Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias). Universidade Norte do Paraná. Londrina, 2015